

500 anos de história

Banco mais antigo do mundo será incorporado por rival.

REUTERS

No mês passado, o Banca Monte dei Paschi di Siena, o banco mais antigo do mundo, adquiriu uma outra distinção: a de credor mais fraco da Europa. O banco teve o pior desempenho em um teste de saúde financeira realizado por reguladores europeus, o último capítulo sombrio de uma longa saga de negócios malfadados, travessuras financeiras, delitos criminais e até mesmo uma morte misteriosa.

O teste de estresse, que demonstrou que uma recessão severa destruiria o capital do banco, forçou o governo italiano a enfrentar uma verdade desagradável: a trajetória de mais de cinco séculos do Monte dei Paschi está perto do fim. Com estímulo de Roma, o Unicredit, um dos maiores bancos da Itália, disse no mês passado que estava em negociações para comprar o Monte dei Paschi, sob a condição de que o governo ficasse com todos os créditos podres.

O Monte dei Paschi, fundado em 1472, provavelmente sobreviverá como marca em agências bancárias na Itália central – e os clientes não notarão muita diferença, pelo menos no início. Mas o banco deixará de ser uma entidade autônoma e um lembrete vivo de que os mercadores italianos do Renascimento inventaram os bancos modernos. As operações do banco serão gerenciadas a partir da sede do Unicredit em Milão, em vez do escritório em forma de fortaleza do Monte dei Paschi no bairro

antigo de Siena. O título de banco mais antigo provavelmente passará para o Berenberg Bank, fundado em Hamburgo, Alemanha, em 1590.

Os problemas do banco são uma distração indesejável para Mario Draghi, primeiro-ministro italiano e ex-presidente do Banco Central Europeu, que agora tenta promover reformas e acabar com a imagem da Itália como perpétua retardatária econômica da zona do euro.

A eliminação do Monte dei Paschi, que na prática é uma instituição nacionalizada, “liberaria recursos, tempo e capital político para questões mais importantes”, disse Lorenzo Codogno, ex-economista-chefe do Tesouro italiano. “Há uma forte pressão para encontrar uma solução o mais rápido possível”.

Mas, para Siena e arredores, os problemas do Monte dei Paschi são um baque psicológico e econômico. Poucos bancos estão tão envolvidos com a riqueza e a identidade de suas comunidades como o Monte dei Paschi já esteve. Ele continua sendo o maior empregador privado de Siena, e a fundação que era sua proprietária aplicava os lucros bancários em uma ampla variedade de atividades cívicas, como jardins de infância e serviços de ambulância. “O Monte dei Paschi faz parte da carne e do sangue da cidade”, disse Maurizio Bianchini, jornalista local, historiador do Palio e ex-chefe de comunicações do banco. “Do ponto de vista humano, é como se o banco fosse um ramo de todas as famílias de Siena”.

Má decisão. A sobrevivência do Monte dei Paschi está em xeque há anos. Os problemas começaram em 2008, após o banco pagar mais do que

poderia para adquirir um rival e se tornar o terceiro maior banco da Itália, depois do Intesa Sanpaolo e do Unicredit.

Em 2013, enquanto a polícia investigava alegações de que executivos do banco estavam escondendo perdas crescentes, David Rossi, diretor de comunicações do Monte dei Paschi, foi encontrado morto em um beco abaixo da janela de seu escritório – um aparente suicídio. Membros da família de Rossi estavam convencidos de que ele fora morto por saber demais, mas a polícia nunca encontrou evidências conclusivas de crime.

Em 2019, mais de uma dúzia de executivos do Monte dei Paschi, Deutsche Bank e Nomura foram condenados por usar ilegalmente derivativos complexos para encobrir os problemas do banco italiano.

Empregos. Além da questão identitária relacionada ao Monte dei Paschi, Siena também sofrerá em termos econômicos. A venda para o Unicredit deve ocasionar até 5 mil demissões, ou um terço da força de trabalho. O Unicredit se recusou a comentar sobre os cortes.

“A cidade está enfurecida”, disse um homem de 80 anos, que não quis revelar seu nome, enquanto conversava com amigos nos degraus de uma filial do Monte dei Paschi no centro de Siena. Ceder o controle para o Unicredit de Milão, disse ele, “seria como perder uma filha”.

Os testes de estresse bancário publicados em julho pelo Banco Central Europeu expuseram toda a insistente vulnerabilidade do Monte dei Paschi, apesar das múltiplas recapitalizações e planos de recuperação.

No caso de uma recessão severa que durasse até 2023, o capital do banco seria reduzido quase a zero. O banco precisaria de mais de € 2,5 bilhões em capital novo, disse Daniele Franco, o ministro da Economia italiano, ao Parlamento neste mês.

Ainda assim, muitas pessoas em Siena se recusam a aceitar que o meio milênio de independência do Monte dei Paschi possa acabar. A potencial venda para o Unicredit se tornou um tema das eleições municipais e parlamentares marcadas para outubro e pode jogar a favor da Liga, partido populista de direita que já apoia o prefeito de Siena, Luigi De Mossi.

De Mossi disse a repórteres que o banco “não era um supermercado” onde o Unicredit pudesse escolher apenas os ativos que quisesse e deixar o resto para o governo. O futuro do banco, disse ele, é uma “questão social e política que diz respeito não apenas a Siena, não apenas à Itália, mas à Europa”.

Outros líderes discordam. “Os testes do Banco Central Europeu são a prova do fato de o banco não conseguir mais se manter sozinho”, disse Enrico Letta, ex-primeiro ministro da Itália e atual candidato ao Parlamento pelas províncias de Siena e Arezzo.

Letta argumenta que, embora os bancos ainda sejam grandes empregadores, a cidade deve investir em sua outra força: a saúde. A farmacêutica britânica Glaxosmithkline tem um centro de pesquisa local. “Siena queria ser a capital das finanças, mas pode ser a capital das ciências da vida”.

Núcleo de Inteligência - Sedet
Edição 203 - Em 25 de agosto de 2021

Os textos do conteúdo exposto neste informativo não são de autoria do Governo do Estado do Ceará.